

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbabue.

ÍNDIA

Depois dos massacres antimuçulmanos

N. Vasudevan apela à “mobilização do movimento operário” para impor “um inquérito imparcial (que) permita revelar a verdade”

“É uma tragédia, o que aconteceu em Nova Deli, capital da Índia, de 24 a 26 de Fevereiro. As agressões de bandos armados contra os cidadãos muçulmanos causaram 42 mortos, muçulmanos e hindus, e 200 feridos, mulheres, homens e crianças.

Esta tragédia surge ao fim de meses de protestos massivos do povo indiano contra a tentativa do governo de dividir e discriminar uma parte dos cidadãos com base na religião. E a seguir, também, à categórica derrota eleitoral do partido do primeiro-ministro Narendra Modi, o BJP, em Deli.

A tragédia deu-se nos bairros populares. Casas e lojas foram incendiadas. Centenas de habitantes estão hoje sem abrigo nem sustento. Hindus e muçulmanos da metrópole deram mostras de grande empatia uns com os outros. Quem arca com a responsabilidade deste braço são os dirigentes do BP no poder, que se querem vingar de toda a gente que se opõe à nova lei da cidadania indiana, particularmente das centenas de mulheres que organizaram uma concentração de mais de setenta dias na artéria central de ShaheenBagh, em Deli.

Apesar da visita do presidente do Estados Unidos a Deli em 24 de Fevereiro, o governo não mobilizou nem a polícia nem o exército para salvar a vida e os bens dos cidadãos comuns. Os que praticaram a violência, os assassinios e a pilhagem eram esbirros vindos de fora dos bairros saqueados. As autoridades deixaram-nos cometer os crimes impunemente, no intuito de criar o caos, como já ocorrera em 2002 no Estado de Gujarete. À época, o actual primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, era primeiro-ministro do Estado de Gujarete.

Os assassinatos intercomunitários de Deli mancham a democracia e a laicidade. Só um inquérito imparcial poderá revelar a verdade sobre os autores deste crime odioso. Para impô-lo, será necessária a mobilização forte e unida de todos os que mostraram a sua vontade de defender a democracia e a laicidade, mormente a mobilização do movimento operário e das organizações sindicais.

Nambiath Vasudevan, dirigente sindical em Mumbai e coordenador do Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária

“Este combate diz respeito aos trabalhadores e povos do mundo inteiro”

As manifestações massivas contra as leis discriminatórias decretadas pelo governo Modi transtornaram a paisagem política da Índia desde Dezembro de 2019. A vaga de protestos começou entre os jovens e os estudantes. Em 8 de Janeiro de 2020, as principais centrais sindicais, assim como organizações sindicais independentes, apelaram a uma greve geral de vinte e quatro horas contra a política anti-operária do governo Modi. O dia 8 de Janeiro foi ensejo para unir a luta contra a política anti-operária do governo à luta contra as medidas antidemocráticas plasmadas nas medidas de discriminação dos cidadãos muçulmanos da Índia. Na greve e na rua, concretizou-se a unidade entre estes diferentes aspectos da mesma luta. Mais do que qualquer outro sector da sociedade, a classe operária precisa da democracia, da unidade e da laicidade para fazer prevalecer as suas reivindicações. O movimento operário e as organizações sindicais devem, naturalmente, estar à cabeça dessa luta.

Esta luta diz respeito aos trabalhadores e povos do mundo inteiro. Por isso, o Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) considera seu dever difundir amplamente todas as informações sobre esta luta e manifestar a sua solidariedade para com os que nela se comprometem.

Estamos concencidos de que a luta dos trabalhadores e do povo indianos, no espírito da conferência mundial de Mumbai realizada em Novembro de 2016, estará no fulcro da conferência mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, que decorrerá na Europa em Novembro de 2020.”

Daniel Gluckstein, Nambiath Vasudevan, coordenadores do COI

EUROPA

Declaração comum das redacções de *Ergatika Nea* (Grécia), *Tribuna Libera* (Itália), *Freie Plattform für Arbeiterpolitik* (Alemanha), *La Tribune des travailleurs* (França) e *Bulletin Unité-Eenheid* (Bélgica)

Milhares de refugiados em perigo de morte: abertura das fronteiras em toda a Europa para as vítimas das guerras imperialistas!

As informações e imagens que nos chegam da fronteira greco-turca e das ilhas gregas do Egeu, especialmente de Lesbos, provocam a indignação de milhões de trabalhadores na Europa e em todo o mundo. A UE e todos os seus governos batem palmas ao governo grego, que manda a polícia e a tropa, com a ajuda da guarda de fronteiras da UE, a Frontex, disparar sobre os refugiados. Os fascistas e a guarda fiscal rebocam impunes as cascas de noz dos refugiados para águas turcas, impedindo-as de atracar nas ilhas. Põem vidas humanas em perigo cientemente, publicamente, à frente das câmaras. Regressa o perigo de o Mediterrâneo se tornar num gigantesco cemitério de refugiados. Estas dezenas de milhares de refugiados fogem das guerras e intervenções militares travadas ou, pelo menos, apoiadas, pelos governos europeus — mormente pelos governos dos nossos países — no Médio Oriente, no Afeganistão, na Síria, na Líbia, no Iraque, em África. Outros há que fogem da pobreza causada pela pilhagem imperialista dos seus países.

A UE, com o aplauso de todos os seus governos, fez, em 2016, um acordo com Erdogan para este, a troco do pagamento de uns milhares de milhões de euros, amontoar os refugiados em campos, mantendo-os na Turquia em

condições desumanas. Agora Erdogan está tocando milhares de refugiados contra as barreiras das fronteiras fechadas da UE, mandando, entretanto, “proibir” travessias de barco. Quer renegociar com a UE o preço para manter cativos os refugiados. Assim, em cooperação com Erdogan, a UE expõe milhares de famílias à repressão, ao frio, à fome e ao perigo de morte.

É a verdadeira face desta UE tão enaltecida como zona de paz e democracia!

Têm toda a razão os milhares de trabalhadores e jovens gregos que se manifestaram em Atenas no dia 5 de Março com as palavras de ordem: “*Abram as fronteiras de toda a Europa!*”, “*Não à fortaleza Europa!*”, “*Paz aos povos, guerra aos fascistas*”.

Têm toda a razão, também, os milhares de trabalhadores e jovens que saíram à rua em toda a Alemanha pela abertura das fronteiras.

As redacções dos nossos jornais declaram unidas:

ESTES REFUGIADOS SÃO NÓS-OS IRMÃOS!

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DA EUROPA!

POVOS DA EUROPA E POVOS DO

MÉDIO ORIENTE: POVOS IRMÃOS!

ABRAM IMEDIATAMENTE AS FRONTEIRAS, LIBERTEM OS REFUGIADOS RETIDOS NOS CAMPOS DA TURQUIA E CONCEDAM ASILO DIGNO A ESTAS FAMÍLIAS DE REFUGIADOS VÍTIMAS DAS ATROCIDADES IMPERIALISTAS!

LUTEMOS CONTRA A PILHAGEM IMPERIALISTA EM TODO O MUNDO, QUE SEMEIA MISÉRIA, MORTE E ÊXODO!

RETIRADA DE TODAS AS TROPAS IMPERIALISTAS DOS PAÍSES DA UE QUE INTERVÊM AO LADO DO IMPERIALISMO AMERICANO NO MÉDIO ORIENTE E NO CONTINENTE AFRICANO!

Esta questão estará no fulcro do encontro operário europeu de 2 de Maio em Liège, iniciado por trabalhadores belgas, contra a guerra, a exploração e a precariedade: não nos deixemos dividir, os trabalhadores da Europa são irmãos de classe, o seu único adversário é o imperialismo.

Nós apoiamos este encontro e apelamos aos trabalhadores de todos os países para enviarem delegações. ■

8 de Março de 2020

FRANÇA

Uma ameaça e os meios para combatê-la

Editorial de *La Tribune des travailleurs*, n° 230, 11 de Março de 2020

A maior parte dos especialistas considera que a epidemia é provável. Quais seriam as consequências? Recusando confundir análise política e ciência, não nos metemos a fazer prognósticos.

O que, em contrapartida, se pode, é apontar o que é preciso para debelar a epidemia. O que levanta a questão dos meios. Na situação actual, impõe-se uma mobilização excepcional para devolver ao nosso sistema de saúde os meios dele retirados por sucessivos

governos, meios que hoje fazem dramaticamente falta. A urgência é liberar verbas para reabrir (e levantar do chão, se necessário) hospitais e serviços fechados e restaurar as 100.000 camas hospitalares que foram cortadas nos últimos vinte anos; meios, também, para formar e recrutar médicos e pessoal de enfermagem; meios, ainda, para mobilizar uma indústria abastecedora de máscaras como deve ser e em massa e de outros produtos de protecção e

necessários para todo o tipo de cuidados. Impõem-se igualmente meios de emergência e de excepção para proibir despedimentos e supressões de postos de trabalho. O colapso das bolsas de valores resulta não do coronavírus, mas da crise profunda de um sistema capitalista drogado por milhares de milhões de dólares injectados pelos bancos centrais e que foram inchar directamente a bolha especulativa. Enquanto capitais fictícios se evaporam, os capitalistas

aproveitam o anúncio de uma recessão mundial iminente para liquidar os postos de trabalho que consideram insuficientemente rentáveis.

Há que, uma vez mais, mobilizar meios excepcionais para garantir os salários, pensões e subsídios a todos os trabalhadores forçados a não ir trabalhar e condenados ao isolamento em casa. E mais medidas de mobilização: congelamento dos preços de retalho; que o Estado tome conta do abastecimento e distribuição dos produtos de primeira necessidade.

Custam dinheiro, todas estas medidas? Há dinheiro: só no ano de 2019, mais de 60 mil milhões de euros pagos em dividendos aos accionistas das empresas cotadas no CAC 40; nos últimos dezanove anos, segundo números oficiais, os patrões beneficiaram de mais de 560 mil milhões de euros em exonerações de contribuições sociais, mais de 60 mil milhões das quais não compensadas pelo Estado! Portanto, se for necessário para financiar as medidas urgentes necessárias à protecção da população, então que se confisquem no todo ou em parte os dividendos pagos aos accionistas e se imponha a restituição à Segurança Social de todos os montantes que dela foram desviados — porquê hesitar?

Outras medidas urgentes: renúncia imediata aos ataques à Segurança Social, começando por retirar a reforma das aposentações, que se propõe dismantelar essa instituição vital para a saúde dos trabalhadores e das suas famílias.

Quem há-de tomar tais medidas de emergência com a energia, vontade e determinação necessárias? O governo Macron? Quem pode confiar num governo que, sobre a epidemia, diz uma coisa e o seu contrário, sem se conseguir saber o que realmente se passa, que desmente hoje o que disse ontem e que afirma hoje o que desmentirá amanhã? Quem pode confiar num governo que anunciou, como primeira medida, a exoneração de “encargos sociais”, o que, mais uma vez, equivale a pôr o salário diferido — propriedade

colectiva dos trabalhadores — a pagar a falência do capitalismo*?

Não, só irá buscar os recursos onde eles estão um governo que rompa com os ditames do sistema capitalista e da União Europeia, um governo animado da vontade de proteger os trabalhadores e não a minoria capitalista e os seus lucros. Um tal governo será capaz de fazê-lo porque será apoiado pela maioria da população, que para viver tem apenas o seu trabalho.

A mais longo prazo, só um governo preocupado com as necessidades da grande maioria tomará as medidas que se impõem para dotar a investigação fundamental, independente das pressões das multinacionais ávidas de lucros imediatos, dos meios para cumprir a sua missão, criando condições para enfrentar futuras epidemias a partir de uma investigação contínua baseada na epidemia em curso.

Há quem, das cúpulas governamentais (e igualmente, diga-se, de dirigentes políticos da “oposição”), tente enfunar as velas da união nacional: face à epidemia, seria necessário cerrar fileiras “entre franceses” e esquecer o que opõe operários e patrões. A realidade é exactamente contrária: durante a epidemia, a luta de classes continua. Durante a epidemia, o governo ao serviço da classe capitalista malha a dobrar em todos os domínios e adopta medidas condizentes unicamente com os interesses dos capitalistas. Aproveitando, mesmo, as circunstâncias para tentar “rematar” a adopção da reforma do sistema de aposentações ou experimentar a grande escala a “telescola”, instrumento da sua política para desfazer a instituição escolar e o estatuto dos professores.

O mesmo governo que, em plena crise do coronavírus, matraca os manifestantes do dia 7 de Março, persistindo em adoptar os decretos anti-operários, é incapaz de proteger o povo trabalhador.

Ante uma provável epidemia, a definição de um plano de saúde subordinado às necessidades de milhões e milhões exige que se ponha fora este

governo que só se preocupa com a protecção dos lucros capitalistas e dos lucros dos senhores da guerra (a França acaba de ser promovida a terceiro exportador mundial de armas).

Em comunicado comum, as organizações sindicais pedem ao governo que, devido à crise, suspenda o processo legislativo de adopção da reforma do sistema de aposentações. O governo nem se digna responder. Confirmando que, seja pelas aposentações, seja pelo coronavírus, a situação exige a greve geral unitária para correr com este governo. E quanto mais cedo melhor!

Os trabalhadores e as suas organizações não se podem deixar seduzir pelo canto das sereias da união nacional, que apelam (inclusive à “esquerda”) a confiar em que o governo tome as medidas necessárias. Neste aspecto, como em todas os outros, os trabalhadores só podem confiar na sua capacidade de agir e soldar a sua unidade na e através da luta de classe. Constituindo, por exemplo, comissões independentes de trabalhadores hospitalares, investigadores, médicos e representantes das organizações sindicais para apurar a verdade sobre a progressão da doença, acabar com as apresentações falsificadas do governo e tornar públicas informações que permitam aos trabalhadores compreender e agir no interesse da maioria.

A saída é a unidade operária, o bloco unido dos trabalhadores e organizações para enfrentar a situação. É ao serviço desta perspectiva que o Partido Operário Independente Democrático se constrói e a *La Tribune des travailleurs* abre as suas colunas. ■

Daniel Gluckstein

* É com surpresa que se lê em *L'Humanité* (de 10 de Março), um apelo a “aliviar a tesouraria” das empresas “adiando o pagamento de impostos, do IVA ou das contribuições” e a reivindicação de um “plano de estímulo coordenado à escala europeia e massivo, para usar as palavras de Bruno Le Maire”.